**A festa de São João em Piatã-BA: do espaço patrimonial ao espaço de consumo[[1]](#footnote-1)**

**Diógenes Braga Ramos[[2]](#footnote-2)**

**Jaqueline Aparecida Martins Zarbato[[3]](#footnote-3)**

**Resumo**

Este artigo visa apresentar as discussões sobre a festa religiosa São João, no município de Piatã-BA e sua relação com o consumo. Dialogando sobre a construção cultural da festa como um patrimônio da região da Chapada Diamantina, suas identificações e características e o processo de transformação ao longo dos anos, buscando investigar a inclusão do consumo como um elemento antropológico. A festa pode ser caracterizada com um patrimônio cultural que, expressa a relação identitária das pessoas da comunidade local, bem como apresenta singularidades em relação ao consumo por outras pessoas que vão até a cidade para participar da festa. Teoricamente utilizamos os aportes da religião e consumo, fundamentando na antropologia do consumo e, também nos aportes teóricos acerca de memória e quilombos. Metodologicamente analisamos a publicização da festa, seus elementos de composição de saberes, assim como a produção de memórias sobre a festa religiosa a partir da participação na referida festa, como observadores/as.

Palavras-chave: Festa de São João, memória, consumo.

**Resumen**

Este artículo tiene como objetivo presentar discusiones sobre la fiesta religiosa de São João, en el municipio de Piatã-BA, y su relación con el consumo. Se discute la construcción cultural de la fiesta como patrimonio de la región de Chapada Diamantina, sus identificaciones y características y el proceso de transformación a lo largo de los años, buscando investigar la inclusión del consumo como elemento antropológico. La fiesta puede caracterizarse como un patrimonio cultural que expresa la identidad de las personas de la comunidad local, además de presentar singularidades en relación al consumo por parte de otras personas que acuden a la localidad para participar en la fiesta. Teóricamente, utilizamos los aportes de la religión y el consumo, basados en la antropología del consumo y también en aportes teóricos sobre la memoria y los quilombos. Metodológicamente, analizamos la divulgación de la fiesta, sus elementos de composición de conocimiento, así como la producción de memorias sobre la fiesta religiosa a partir de la participación en la fiesta como observadores.

Palabras-clave: Fiesta de San, memoria, consumo.

**Abstract**

This article aims to present discussions about the São João religious festival in the municipality of Piatã-BA and its relationship with consumption. It discusses the cultural construction of the festival as a heritage of the Chapada Diamantina region, its identifications and characteristics and the process of transformation over the years, seeking to investigate the inclusion of consumption as an anthropological element. The festival can be characterised as a cultural heritage that expresses the identity of the people in the local community, as well as presenting singularities in relation to consumption by other people who come to the town to take part in the festival. Theoretically, we used the contributions of religion and consumption, based on the anthropology of consumption and also on theoretical contributions about memory and quilombos. Methodologically, we analysed the publicising of the festival, its elements of knowledge composition, as well as the production of memories about the religious festival based on participation in the festival as observers.

Keywords: St John's Festival, memory, consumption.

Caminhar pelas ruas de uma cidade do interior da Bahia, em junho nos envereda a conviver com os elementos culturais que fazem parte da festa junina. Nas semanas que antecedem a festa de São João em Piatã, cidade da Chapada Diamantina, na Bahia, a cidade se prepara para os ‘festejos’. São casas enfeitadas, ruas com bandeirolas coloridas, fogueiras em frente às casas e diversas comidas típicas da região. Mas, cabe se questionar, que significado tem o dia 24 de junho? É festa religiosa? Festa de consumo? Festa regional?

Estas e outras questões nortearam a problematização de nossa análise nesse artigo, uma vez que a investigação da festa de São João em Piatã, cidade localizada na Chapada Diamantina, nos leva a prescrutar os caminhos transitados pelas pessoas para a festa, os seus significados e as apropriações culturais.

Para a investigação que propomos, vamos analisar a construção da festa de São João, suas concepções históricas e religiosas, para posteriormente analisar o contexto da Festa de São João na Bahia e concomitantemente a Festa na cidade de Piatã. Percorremos a festa durante a sua realização em junho de 2022, no pós pandemia de SARS-COVID 19, buscando compreender como essa festa tem representatividade cultural, religiosa e de consumo para a região.

A concepção principal desse artigo se dá em analisar as impressões no campo antropológico-histórico das transformações que foram ocorrendo na festa de São João de Piatã. Uma festa que faz parte do calendário religioso do município foi tendo algumas modificações, seja no campo dos bens patrimoniais religiosos da festa( como a imagem de São João em evidência, para ficar somente nos momentos da celebração na Igreja, ou mesmo das adaptações de espaço físico, passando a ter palco para shows, feira gastronômica, venda de produtos variados)

É importante destacar que nosso objetivo é perceber como a festa de São João em Piatã como parte integrante do patrimônio cultural imaterial daquela região. Compreendendo que a festa agrega os saberes tradicionais, as danças, a organização do espaço com o ritual próprio. E que foi aos poucos, seja pela diversidade cultural das pessoas que habitam aquela região ou mesmo pela introdução do consumo como um elemento a mais, foi modificando o sentido patrimonial da festa de São João.

Esse sentido patrimonial é entendido como a manutenção e peculiaridade dos bens imateriais inerentes a festa, e que pode descaracterizar a festa de São João. Isso porque os shows, vendas de produtos (eletrônicos, alimentos industrializados, etc.) que não cultuam a relação histórica com a festa, podem transformar o sentido da realização da festa.

Compreendendo e fundamentando a abordagem sobre os primórdios da festa como um patrimônio cultural e, posteriormente como consumo. Ou seja, nossa hipótese central é de que ao longo dos anos a festa foi se transformando, seja na incorporação de alguns elementos que não são histórico-culturais, mas sim relacionados aos bens de consumo. O que pode ser compreendido como uma modificação necessária para a manutenção da festa de cunho religioso.

Na tradição do catolicismo, a festa junina faz parte da homenagem a São João. Conhecido popularmente por ser festeiro, o santo nasceu em 24 de junho, com o nome de João Batista. Remonta-se historicamente que os festejos têm origem europeia e cristã na Idade Média, mas veio para o Brasil com a colonização portuguesa, ainda no período colonial. A cultura popular, aponta que, Maria, mãe de Jesus, e Isabel, mãe de João Batista, fizeram um acordo: quem tivesse o primeiro filho acenderia uma fogueira na porta de casa. Lúcia Rangel|1|, apresenta a narrativa sobre isso:

“Dizem que Santa Isabel era muito amiga de Nossa Senhora e, por isso, costumavam visitar-se. Uma tarde, Santa Isabel foi à casa de Nossa Senhora e aproveitou para contar-lhe que dentro de algum tempo nasceria seu filho, que se chamaria João Batista. Nossa Senhora então perguntou:

— Como poderei saber do nascimento dessa criança?

— Vou acender uma fogueira bem grande; assim você poderá vê-la de longe e saberá que João nasceu. Mandarei também erguer um mastro com uma boneca sobre ele.Santa Isabel cumpriu a promessa. Certo dia Nossa Senhora viu ao longe uma fumaceira e depois umas chamas bem vermelhas. Foi à casa de Isabel e encontrou o menino João Batista, que mais tarde seria um dos santos mais importantes da religião católica."

Percebe-se que a “crença” sobre a festa, seus símbolos como a fogueira, as bandeirolas, as vestimentas típicas, os alimentos foram sendo incorporados como elementos patrimoniais, tinham significados relacionados ao ser fazer da religiosidade, encaminhada pelo catolicismo. E pode-se dizer que durante um longo período histórico, a indicação desses símbolos manteve-se nas festas.

Isso porque, a festa incorpora elementos sincréticos em que o cristianismo incorpora elementos da cultura pagã da época do Império Romano adequando as perspectivas do sagrado. Desta forma, verificamos que essa celebração e a devoção a São João se fortifica na trajetória do catolicismo influenciando inclusive diretamente a formatação do catolicismo brasileiro.

No início do terceiro século da era cristã já havia sido elaborado um calendário eclesiástico, em cujas datas fixas os cristãos deveriam celebrar acontecimentos memoráveis, como a Páscoa, por exemplo. Aos poucos também foi inserido neste calendário o dia da morte de cristãos que haviam sido martirizados durante as perseguições impostas pelo Império Romano. Além da visitação aos locais em que estavam sepultados estes “heróis da fé”, e orações feitas em sua memória, as relíquias (objetos pessoais) deixadas por estes logo começariam a ser alvo de veneração, especialmente a partir do século IV. As homenagens a São João e a São Pedro começaram a ser feitas neste período. São João (João Batista) era primo de Jesus, e, segundo a tradição, nascido a 24 de junho, e morto por decapitação no dia 29 de agosto do ano 31, na Palestina, a mando do rei Herodes. (Proença, 2018, p.23)

A configuração a devoção a São João como citado acima e descrito anteriormente toma forma ao longo do Brasil, principalmente na região rural a partir de festas que de alguma forma fazem alusão ao santo.

Nesse sentido, é importante analisar as festas e suas celebrações como demarcação de espaços culturais. Bakhtin (1987), nos encaminha a pensar sobre as manifestações da cultura popular em meio aos ritos oficiais. Ao falar sobre uma oposição entre o mundo das manifestações do riso (festa, carnaval, obras cômicas e vocabulário) e o mundo da realidade permeada pela cultura oficial da Igreja e do Estado Feudal.

A perspectiva de manifestações da cultura popular tem sua tônica desde a Idade Média, numa concepção que permeia o viver no espaço público, a circulação das pessoas, as festas e comemorações, os teatros que encenavam partes da vida cotidiana.

Seria o que Debord (1997, p14)) chamou de Sociedade do espetáculo, em que “o espetáculo não se configura como um conjunto de imagens, mas uma relação social entre pessoas, mediada por imagens.” Assim, (..) não é um suplemento do mundo real, uma decoração que lhe é acrescentada. É o âmago do irrealismo da sociedade real. Sob todas suas formas particulares – informação ou propaganda, publicidade ou consumo direto de divertimentos –, o espetáculo constitui o modelo atual da vida dominante na sociedade. (Debord, 1997, p. 14-15).

O que nos leva a analisar que a construção da festa envolve uma gama de diferentes elementos, grupos culturais, símbolos, ritos, imaginários, imagens que promovem para cada espaço uma análise única. Pois, envolve a dimensão particular de cada espaço e grupo cultural. Entretanto, é importante frisar que as festas de cunha religioso ainda mantém em alguns espaços e comunidades a prerrogativa de envolver as pessoas em torno da fé religiosa.

Porém, as festas podem ser laicas ou religiosas, mas possuem como características a aproximação dos indivíduos, envolvendo os grupos, suscitando um sentido de efervescência, de expectativa, de preparação para o momento da manifestação da festa em si. E [...] pode-se observar, também, tanto num caso como no outro, as mesmas manifestações: gritos, cantos, música, movimentos violentos, danças, procura de excitantes que elevem o nível vital etc. (Durkheim, 1989, p. 547-8).

Mas, poderíamos pensar que a festa de São João tem a sua permanência durante tanto tempo, por ser relacionada ao catolicismo? Ou sua permanência se deve a relação da festa com a política nos municípios e estados brasileiros? Ou a transformação da festa religiosa em espaço de consumo?

As possíveis respostas a essas questões não se esgotam nesse artigo, pois fundamentamos nossa análise na abordagem sobre a construção da festa de São João em sua potencialidade como patrimônio cultural e a transformação em espaço de consumo, o que implica em dialogar sobre a festa e política, festa e trabalho e sua manutenção como patrimônio. Nestor Canclini (2008, p. 161), destaca que o patrimônio cultural é empregado, em formas de “teatralização do poder.”

O que nos remete as mudanças no que se estabelece como cultural, isso porque, na festa de São João, há a configuração de lugar para cada item que compõe a festa: bandeirolas, fogueiras, circulação de alimentos, apresentação de grupos culturais, entre outros. E que como patrimônio cultural tem sua identidade preservada como parte da comunidade. Porém, ao longo das modificações no cenário da festa, mantem-se os elementos patrimoniais, mas ganha espaço outras ações que contracenam com o tradicionalismo da cultura regional.

Percebe-se que na dinâmica entre fé e consumo, a festa de São João vai recebendo alguns elementos políticos, em que as aparições de prefeitos e políticos ganham destaque. Além de contribuir com a manutenção da festa, ampliam a mesma incluindo outras conotações no espaço público. Ou seja, os “lugares históricos e praças, palácios e igrejas, servem de palco para representar o destino nacional, traçado desde a origem dos tempos. Os políticos e os sacerdotes são os atores vicários desse drama.” (Canclini, 2008, p. 163).

Além disso, como destaca Rubim (2002, p. 1): “o espetáculo tem uma história de relacionamento com o poder político e a política que se confunde com a existência mesma dessas modalidades de organização social e do agir humano”. O que modifica os sentimentos de pertencimento, de preservação cultural e até mesmo de identidade com o processo da festa. Já que, como destaca Orlandi (1992, p. 34):

Não é a cultura da história factual, mas a das lendas, dos mitos, da relação da linguagem com os sentidos. Nessa perspectiva, são outros sentidos do histórico, do cultural, do social que constroem um imaginário social que nos permite fazer parte de um país, de um estado, de uma história e de uma formação social determinada.

Nesse sentido, a festa de São João vai tendo, aos poucos, outros personagens na sua dinâmica. E que de certa maneira, modificam não o sentido, mas os percursos culturais por onde as pessoas transitam.

Antes de adentrarmos na abordagem sobre a festa de São João de Piatã, cabe apresentar o contexto da festa, a cidade. Piatã é um município do estado da Bahia, com população estimada em 2018 de 17 269 habitantes. É o município mais alto e frio do estado da Bahia, assim como de toda a Região Nordeste do Brasil, com 1.280 m de altitude situada na região da Chapada Diamantina. (Piatã/prefeitura, 2021)

A cultura local se concentra nas atrações naturais pelas cachoeiras da região. Possui produção do café especial, que cultivado em sua maioria por pequenos grupos familiares, colocou a cidade entre as regiões produtoras mais premiadas do país. O São João é a maior festa da região Nordeste, especialmente comemorada nos interiores dos estados, inclusive na região da Chapada Diamantina – BA. As tradicionais quadrilhas, brincadeiras e barracas com comidas típicas estão presentes em Lençóis, Vale do Capão, Mucugê, Itaberaba, Ibicoara, Morro do Chapéu, Piatã, Barra da Estiva, Itaetê e Campos de São João.

Em Piatã, os preparativos para a festa acontecem durante todo o mês de junho, e se concentram nos dias 23 à 26 de junho. Segundo o jornal Portal de Inúbia (2017,p.01), na reportagem sobre a festa de São João:

cada ano as festas de São João em Piatã atraem mais visitantes. Uma grande praça de forro foi montada na cidade, por onde desfilou grandes nomes da música e mobilizou toda a população. Considerada a melhor festa de São João de toda á região, este ano superou todas as expectativas. Foram quatro dias ( 22, 23, 24 e 25) de puro forro, com a presença maciça e diária de milhares de pessoas, entre moradores da localidade e visitantes que lotaram a praça.

Para a análise sobre a festa de São João, observamos e participamos in loco, vivenciando com a comunidade os dias da festa, participando nos dias em que havia a feira de produtos, nos dias de shows e na dinâmica da festa como um todo. Assim, realizamos a observação nos dias da festa de São João de Piatã, anotando as principais questões sobre o consumo, cultura da festa e patrimônio.

Em Piatã a festa de São João é um divisor na cultura local. Um divisor, pois, se espera esse momento o ano todo, as pessoas da cidade se preparam para a festa, adquirindo roupas para o evento, a alimentação nas famílias se adaptam para o momento, a economia local também se estrutura para esse momento além de gerar novas perspectivas com relação a comunhão entre as pessoas, o trânsito de turistas e na recepção de familiares de outros locais.

Além de ser de alguma forma um patrimônio cultural religioso, porque São João é o padroeiro da cidade de Piatã, tem uma referência relacionada a uma tradição instituída ao longo dos anos que faz parte do universo social da cidade. Durante a festa de São João que acontece entre os dias 23 a 26 de junho e que ocorreram neste ano de 2022. Contudo, uma questão que tem sido discutida e se verificado é que as festas acabam perdendo suas referências culturais ao longo dos anos. Desta forma analisar a festa de Piatã é uma forma de chamar atenção para essa problemática.

Além da relevância das festas para pensar academicamente a sociedade, chama a atenção a relação destas com as políticas de salvaguarda. Inseridas majoritariamente na esfera do patrimônio imaterial ou intangível, as festas cada vez mais compõem os livros de Registros. No entanto, sem esquecer a grande relevância do reconhecimento destas como parte constitutiva das memórias e das identidades nacionais, problematiza-se como muitas das festas são alteradas após este reconhecimento, sendo até mesmo transformadas em meros espetáculos culturais. (Lott, 2021, p.286)

A festa no ano de 2022, após a pandemia de SARS-COVID 19, ocorreu de forma presencial. Com isso, o município investiu em uma estrutura totalmente nova para a festa. Foi armado um espaço com cobertura para duas mil pessoas, várias barracas de alimentação, o local ficou anexo ao espaço em que ocorre a feira da cidade, o qual funcionou durante a semana em que ocorria a festa.

Também chama atenção neste período da festa é com relação a decoração das casas, pois muitas residências são adornadas com imagens e elementos religiosos, principalmente com estandartes e imagens do Santo Antônio em suas fachadas, e no dia de São João, dia 24 de junho, as famílias se reúnem nas casas e em muitas fazem fogueiras na frente de suas casas na rua, e juntam amigos e familiares, de noite e se confraternizam juntos, com alimentação típica do período. Como observamos a festa de São João como, “patrimônio cultural deve ser entendido como um campo de lutas a que diversos atores comparecem construindo um discurso que seleciona, se apropria de práticas e objetos e as expropria.” (Veloso, 2006, p.438)

Desta forma, as festas de forma geral possuem um papel importante na cultura brasileira, sendo que as mesmas estão imbricadas na construção social das pessoas, diante disso, o Instituto do Patrimônio Histórico e Nacional no Brasil chama atenção dessa perspectiva acerca dessas representações nacionais.

No Livro de Registro de Celebrações - criado pelo Iphan - estão registrados os rituais e festas que marcam vivência coletiva, religiosidade, entretenimento e outras práticas da vida social. Celebrações são ritos e festividades que marcam a vivência coletiva de um grupo social, sendo considerados importantes para a sua cultura, memória e identidade, acontecem em lugares ou territórios específicos e podem estar relacionadas à religião, à civilidade, aos ciclos do calendário, etc. São ocasiões diferenciadas de sociabilidade que envolvem práticas complexas e regras próprias para a distribuição de papéis, preparação e consumo de comidas e bebidas, produção de vestuário e indumentárias, entre outras manifestações culturais. (Iphan, 2009, p, 02)

As transformações na festa de São João, incorporam elementos que transpõem o espaço do patrimônio, adaptando-se aos tempos em que os diálogos sobre festas e consumo se relacionam para a manutenção da festa. Na imagem abaixo, vemos que a incorporação da Vila Gourmet como espaço da festa de São João, transplanta as estruturas estanques que são construídas através de elementos rígidos, pois a manifestação cultural é multifacetada.

Observar a questão do consumo, nas festas frente a perspectiva de patrimônio cultural, nos lega a problematizar que as festas estão inscritas no livro de registros do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional( IPHAN), como bens culturais imateriais. Entretanto a festa que estamos analisando não consta no livro de registro no IPHAN. Assim, a sua salvaguarda esta com encargo do município de Piatã. Tanto as características da festa como bem patrimonial como as políticas da salvaguarda. Dessa forma a partir do diálogo entre patrimônio cultural e consumo é importante observar que, pois “el patrimonio también puede valorarse desde el lado de la demanda cultural, considerando cuánto se estaría dispuesto a pagar por él.” (Cejudo, 2013, p.190)

O que chama atenção observando a festa junina a partir de São João em Piatã, é de que o aspecto econômico é parte fundante dos investimentos por parte do poder público municipal, fazendo com que a festa gere recursos financeiros para o município. E isso, é constatado com o investimento dos shows de música, com bandas de forró, pagos pelo município, levando um número significativa de pessoas aos shows.

O valor pode ser agregado ao produto que será consumido de várias formas e isso, que chama atenção quando observamos a festa religiosa de São João, pois o que se constata é que as pessoas não estão apenas preocupadas a partir da essência do consumo de forma geral, a não ser quem diretamente investe em algum negócio para que com isso, possa adquirir um retorno do capital investido com o consumo das pessoas. (Graeber, 2001)

Entretanto, se constata uma relação integradora no envolvimento da festa de São João entre a população da cidade. Tanto na expectativa do que terá de produtos a serem consumidos, ou na aquisição de roupas ou outros elementos que as pessoas venham a consumir para participar da festa. Ou seja, a relação identitária através da questão religiosa toma uma proporção de pertencimento das pessoas em estarem juntas nesse momento, mesmo que não possuam a crença efetiva em São João. Entendemos a cultura de consumo como um acordo social onde a relação entre a cultura vivida. Ou como define Slater (2002, p.17):

a cultura do consumo designa um acordo social onde a relação entre a cultura vivida e os recursos sociais, entre os modos de vida significativos e os recursos materiais e simbólicos dos quais dependem, são mediados pelos mercados. A cultura do consumo define um sistema em que o consumo é dominado pelo consumo de mercadorias, e onde a reprodução cultural é geralmente compreendida como algo a ser realizado por meio do exercício do livre consumo: da promessa de felicidade ao sofrimento psíquico.

Importante nesta discussão entre patrimônio, cultura e consumo, não ‘demonizar’ o consumo sem antes avaliar como a relação entre patrimônio e cultural se estabelecem nas culturas que serão analisadas, conforme Daniel Miller (2007). Devemos partir do pressuposto que consumo transcendo a questão de comprar, vender e adquirir bens, levando-se em consideração que a festa religiosa proporciona uma variação de abstrações de consumo que inclusive fomentam a construção cultural e de identidade das pessoas que participam do São João.

Assim, na sociedade contemporânea, consumo é ao mesmo tempo um processo social que diz respeito a múltiplas formas de provisão de bens e serviços e a diferentes formas de acesso a esses bens e serviços; um mecanismo social percebido pelas ciências sociais como produtor de sentido e de identidades, independentemente da aquisição de um bem; uma estratégia utilizada no cotidiano pelos mais diferentes grupos sociais para definir diversas situações em termos de direitos, estilo de vida e identidades; e uma categoria central na definição da sociedade contemporânea. (Barbosa e Capbell, 2006, p.26)

A interface da antropologia do consumo nos auxilia a verificar que a festa de São João, não é apenas uma relação estabelecida entre consumo e patrimônio refletida no viés religioso. O que se percebe é que a perspectiva do consumo estabelecida na festa de São João reflete a relação de identidade entre as pessoas e a cultura estabelecida pela dinâmica da religiosidade, que transcende o elemento construído pelos vínculos capitalistas que a festa estabelece. Além de fortalecer a construção do patrimônio no seio da cultura da cidade de Piatã.

A concepção central deste artigo foi analisar o contexto da festa de São João de Piatã/Bahia em sua constituição como patrimônio cultural e ao longo do tempo a transformação, em espaço de consumo. Tanto que, a festa não é tombada em nível estadual, o que pode comprometer o seu caráter histórico e patrimonial. Dado que, percebemos nos dias em que realizamos a observação na festa, as mudanças nas barracas de comidas típicas, nas vestimentas de festa junina dando lugar à outras vestimentas, os shows mesclam músicas típicas da festa junina com cantores de renome nacional.

Enfim, foram nessas observações que foi possível perceber a incorporação de elementos que não fazem parte da festa religiosa, que podem retirar as particularidades da festa histórica de São João de Piatã.

A representação da festa de São João nos faz perceber que a estrutura patrimonial organizada pelo evento e estruturado pela perspectiva do consumo deve nos auxiliar a perceber que a relação de interação social estabelecida pelos elementos citados, geram identidade patrimonial e consequentemente uma unidade social estabelecida pela comemoração religiosa.

O grande desafio para se entender algumas características da festa de São João em Piatã, não é apenas a questão religiosa, mas como se caracteriza o valor instituído pelo consumo se representa para as pessoas na cidade, tanto diretamente como indiretamente.

Em suma, o que podemos argumentar é que a perspectiva da festa de São João de Piatã como patrimônio imaterial, registrada no município está sendo relegada a uma nova maneira de conceber a festa. Sendo incorporados outros elementos como a questão do consumo. A intenção desse artigo é narrar como a transformação da festa religiosa, patrimônio imaterial de Piatã, sofre modificações atravessadas pelo consumo, o que pode gerar a sua descaraterização histórica e patrimonial. E que percebemos tem sido cada vez mais intensa.

Referências bibliográficas

BARBOSA, Lívia e CAMPEBELL, Colin. O consumo nas Ciências Sociais. In: Cultura, Consumo e Identidade. Orgs. Lívia Barbosa e Colin Campebell. Rio de Janeiro, Ed. FGV, 2006.

BAKHTIN, Mikhail M. A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais. 4ª Ed. São Paulo: Hucitec, 1999.

BORDIEU, Pierre. A economia das trocas simbólicas. 6ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2005.

CANCLINI, Nestor Garcia. Culturas híbridas: como entrar e sair da modernidade. 4 ed. São Paulo: EDUSP, 2008. \_\_\_\_\_\_. O papel da cultura em cidades pouco sustentáveis. In SERRA, Mônica Allende. Diversidade cultural e desenvolvimento urbano. São Paulo: Iluminuras, 2005.

CEJUDO, RAFAEL. Sobre el vapor del Patrimonio Cultural Inmaterial: uma propuesta desde la ética del consumo. In: “Business Ethics: Normativity and Economic Behavior “, 2013.

Chianca, L. O. (2007). Devoção e diversão: expressões contemporâneas de festas e santos católicos. Revista Anthropológicas, 18(2), 49-74.

DEBORD, Guy. A sociedade do espetáculo: comentários sobre a sociedade do espetáculo. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997

DURKHEIM, Émile. As formas elementares da vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália. São Paulo: Ed. Paulinas, 1989.

GRAEBER, David. Toward an Antropological Theory of Value. New York, PALGRAVE™, 2001.

IPHAN. <http://portal.iphan.gov.br/fototeca/detalhes/15/fototeca-registro-de-celebracoes>, acessado em 27 de julho de 2022

Nóbrega, Zulmira. A festa do maior São João do mundo : dimensões culturais da festa junina na cidade de Campina Grande / Zulmira Nóbrega. - 2010.

LOTT, Pires Wanessa. As festas como patrimônio cultural: um caminho para espetacularização? In: Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa (CEDAP) Assis, SP, v. 17, n. 2, p. 287-304, julho-dezembro de 2021.

MILLER, Daniel. Consumo como cultura material. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 13, n. 28, p. 33-63, jul./dez. 2007.

NEVES, das Jonas Anderson. Uma interpretação analítico-comportamental de aspectos culturais e simbólicas da fogueira de São João. In: Revista perspectivas, 2017, vol. 08, n.01, pp. 079-096.

Proença, Lara de Wander. Festa junina: origens históricas e culturais. In: http://www.ftsa.edu.br/site/index.php/ artigos/437-festa-junina-origens-historicas-e- -culturais#\_ftnref1(2018). Acessado em 22 de agosto 2022.

1. Artigo apresentado no X Encontro Humanístico Multidisciplinar - EHM e IX Congresso Latino-Americano de Estudos Humanísticos Multidisciplinares, na modalidade online, 2024. [↑](#footnote-ref-1)
2. Mestre em Antropologia Social/UFMS; Universidade Federal de Goiás; Florianópolis, Santa Catarina, Brasil. [diogenes.bragaramos@gmail.com](mailto:diogenes.bragaramos@gmail.com) [↑](#footnote-ref-2)
3. Doutora em História Cultural/UFSC; Universidade Federal de Santa Catarina; Florianópolis, Santa Catarina, Brasil. [Jaqueline.zarbato@gmail.com](mailto:Jaqueline.zarbato@gmail.com) [↑](#footnote-ref-3)